



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

JULHO DE 2018

1



DESTAQUES ESTATÍSTICOS #18

Observatório das Migrações

O Observatório das Migrações ([OM](#)) dedicou as suas rotinas de trabalho neste mês de julho de 2018 ao tema dos **jovens descendentes de imigrantes**. Importa desde já reconhecer que o apuramento de dados acerca dos descendentes de imigrantes não é transversal ou recorrente. A [ONU, por exemplo, não tem nas suas estatísticas dados relativos ao que chamam “segundas gerações” ou descendentes de imigrantes](#), como se pode constatar no seu relatório de 2017 sobre migrações internacionais ([ONU, 2017](#))

Para procurar obter algum conhecimento acerca deste universo, neste *Destaque Estatístico OM* recorre-se à análise de alguns dos diferentes indicadores disponíveis e recolhidos em inquéritos internacionais tais como o Inquérito ao Emprego ([Labour Force Survey](#)) do Eurostat no seu módulo específico acerca de imigrantes e seus descendentes – com um destaque específico para os resultados de Portugal nesse módulo, comparando nascidos em Portugal com pelo menos um progenitor nascido no estrangeiro e nascidos em Portugal de progenitores nascidos no país -, o Segundo Inquérito sobre Minorias e Discriminação na União Europeia ([EU-MIDIS II](#)), realizado em 2015 e 2016 por iniciativa da Agência Europeia para os Direitos Fundamentais (FRA), e dados sistematizados pela OCDE na sua publicação [Indicators of Immigrant Integration 2015](#).

Continue a partilhar connosco as suas novidades académicas através do email om@acm.gov.pt e acompanhe-nos no sítio www.om.acm.gov.pt e na página do *Facebook* <https://www.facebook.com/observatoriodasmigracoes>



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que em 2008 e 2014 os países de imigração mais antiga (e.g. França, Reino Unido, Alemanha) eram também aqueles que apuravam maior número de descendentes de imigrantes?

O Inquérito ao Emprego promovido nos vários Estados-membros da União Europeia desenvolveu dois módulos *ad hoc* (em 2008 e em 2014) acerca da situação dos imigrantes e seus descendentes diretos (com 15 e mais anos) no mercado de trabalho com o intuito de suprir algumas das necessidades de dados harmonizados e comparáveis para os vários países europeus sobre imigrantes e seus descendentes, nomeadamente para aferir os progressos para os objetivos comuns europeus na vertente do emprego e inclusão social. Neste módulo o universo de descendentes de imigrantes é identificado como o conjunto de pessoas nascidas no país e que têm apenas um progenitor nascido no estrangeiro e de pessoas nascidas no país e cujos dois progenitores nasceram no estrangeiro ([Albertinelli et al., 2011, p. 121](#)).

Embora a leitura dos resultados destes módulos *ad hoc* deva atender de que se trata de estimativas obtidas a partir de um inquérito realizado por amostragem (e por isso sujeito a margem de erro) nos vários Estados-membros, confere alguma informação relevante acerca da importância do universo de descendentes e da sua situação nos vários países da União Europeia. No que respeita à dimensão das amostras, o [relatório de avaliação do módulo ad-hoc do Inquérito ao Emprego realizado em 2008](#) indica que em Portugal foram realizadas 1.000 entrevistas com pessoas com progenitores masculinos nascidos no estrangeiro e 1.000 entrevistas com pessoas com progenitoras femininas nascidas no estrangeiro. Os valores disponibilizados nas tabelas do Eurostat referentes aos resultados deste inquérito são, pois, estimativas dos milhares de descendentes com mais de 15 anos que existirão na população em geral, sendo que no que respeita a Portugal estima-se para 2008 a existência de cerca de [134.200 pessoas](#) e [255.100 pessoas em 2014](#).

De acordo com a informação publicada pelo [Eurostat](#), em 2008 os países com maior número de descendentes de imigrantes com idades entre 15 e 74 anos eram a França (5.800.000 pessoas estimadas), o Reino Unido (3.472.300 pessoas) e a Alemanha (2.773.600 pessoas). Na Holanda, que surge em quarto lugar, o inquérito aponta para que fossem 1.279.300. Os demais países tinham estimativas menores de 1.000.000 de descendentes de imigrantes. O valor estimado para Portugal nesse ano era, segundo este inquérito, pois, bastante abaixo da média do conjunto destes países, que seria à época de 846.587.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Número de descendentes de imigrantes, com idades entre os 15 e os 74 anos, com ambos os progenitores nascidos no estrangeiro ou apenas um progenitor nascido no estrangeiro, em 2008



Fonte: [Inquérito ao Emprego \(LFS\) do Eurostat](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Dos países pertencentes à UE27 em 2008, não há dados que permitam apurar os resultados relativos à Bulgária, Dinamarca, Finlândia, Malta e Roménia. O inquérito inclui ainda um país externo à União Europeia: a Suíça.

Enquanto em 2008 foram inquiridas pessoas com idades entre os 15 e os 74 anos, o módulo *ad-hoc* do Inquérito ao Emprego focado nos imigrantes e seus descendentes de 2014 apenas inquiriu pessoas dos 15 aos 64 anos de idade. Por essa razão não é possível fazer uma comparação direta em termos do que poderia ser a evolução da situação em cada país. Contudo, o panorama geral é muito similar. Os três países que em 2014 mais apuraram pessoas com descendência (ou *background*) imigrante permanecem a França, o Reino Unido e a Alemanha, com quantitativos de 5.693.900, 3.794.800 e 2.918.700, respetivamente. Os restantes países tinham todos menos de 1.000.000 de descendentes de imigrantes e diferenças sucessivas muito graduais no que respeita aos respetivos totais. Portugal teria então, segundo este inquérito, cerca de 255 mil pessoas com estas características, posicionando-se ainda aquém da média dos países participantes, que seria neste caso de 724.133, mas quase duplicando o valor, face ao inquérito anterior, e subindo em termos de posicionamento relativo no conjunto dos países onde foi aplicado o inquérito.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Número de descendentes de imigrantes, com idades entre os 15 e os 64 anos, com ambos os progenitores nascidos no estrangeiro ou apenas um progenitor nascido no estrangeiro, em 2014



Fonte: [Inquérito ao Emprego \(LFS\) do Eurostat](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Dos países pertencentes à UE28, não há dados que permitam apurar os resultados relativos à Dinamarca, Holanda e Irlanda. O inquérito inclui ainda dois países externos à União Europeia: a Noruega e a Suíça.

O módulo *ad-hoc* do Inquérito ao Emprego (LFS) do Eurostat realizado em 2014 deu origem a vários de [artigos que se encontram disponíveis online](#).

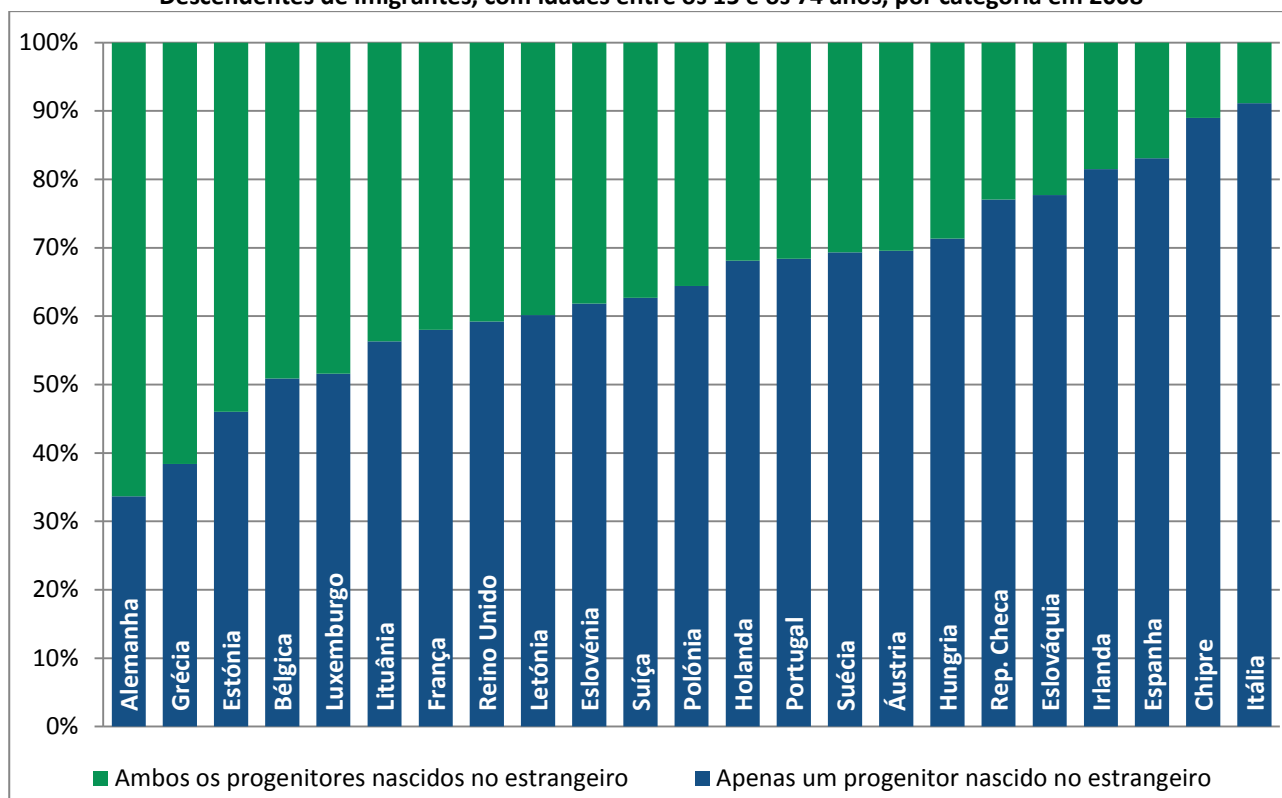


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que na maioria dos países europeus os descendentes de imigrantes são filhos de um progenitor nascido no estrangeiro e de um progenitor autóctone, e só uma minoria é descendente de ambos os progenitores nascidos no estrangeiro?

Em 2008, na maioria dos países europeus, eram mais os descendentes de imigrantes com apenas um progenitor nascido no estrangeiro do que os descendentes de imigrantes com ambos os progenitores nascidos no estrangeiro. As exceções eram a Alemanha, a Grécia e a Estónia. Segundo estes dados, em 2008 na Alemanha apenas 34% dos descendentes de imigrantes eram filhos simultaneamente de alguém nascido na Alemanha e de alguém nascido no estrangeiro. Os valores equivalentes para a Grécia e a Estónia eram então de 38% e 46%. No extremo oposto, com uma grande maioria de descendentes resultando da união de alguém nascido no país e de alguém nascido no estrangeiro, tínhamos em 2008 a Itália (91%), o Chipre (89%) e a Espanha (83%). O valor relativo a Portugal, 68%, ficava então muito próximo da média para este conjunto de países, que era de 65%.

Descendentes de imigrantes, com idades entre os 15 e os 74 anos, por categoria em 2008



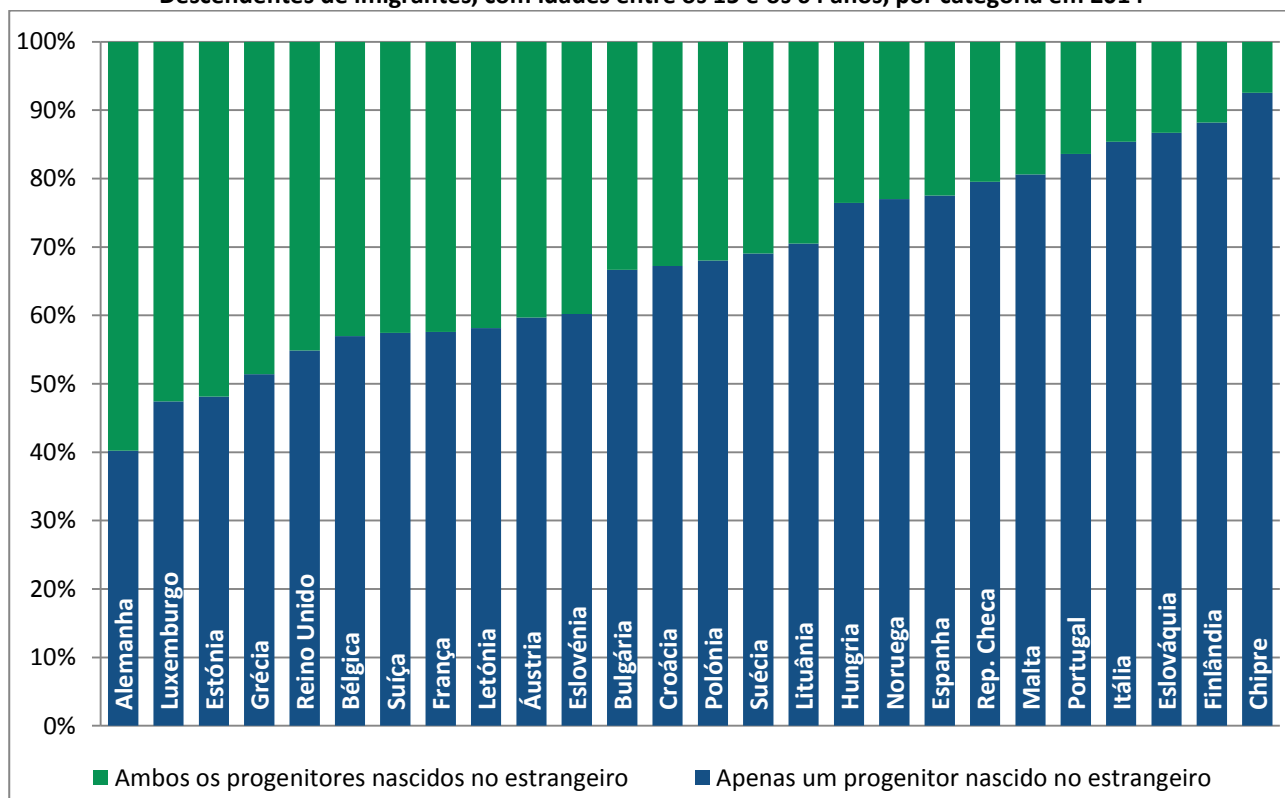
Fonte: [Inquérito ao Emprego \(LFS\) do Eurostat](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Dos países então pertencentes à UE27, não há dados que permitam apurar os resultados relativos à Bulgária, Dinamarca, Finlândia, Malta e Roménia. O inquérito inclui ainda um país externo à União Europeia: a Suíça.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Os dados relativos a 2014, não sendo estritamente comparáveis devido à mudança do intervalo de idades coberto pelo estudo (de 15 a 64 anos de idade, ao invés de 15 a 74 anos), mostram um panorama semelhante. A maioria dos países tinha então mais descendentes de imigrantes com apenas um progenitor nascido no estrangeiro do que com ambos os progenitores nascidos no estrangeiro. A situação oposta verificava-se apenas em três países: a Alemanha, o Luxemburgo e a Estónia. Em 2014, na Alemanha os descendentes com apenas um progenitor nascido no país eram 40%, enquanto no Luxemburgo e na Estónia se aproximavam já da metade, sendo os valores registados de 47% e 48%, respetivamente. Por sua vez, os países com uma maior proporção de descendentes com apenas um progenitor nascido no estrangeiro eram, nesse ano e segundo este inquérito, Chipre (92%), Finlândia (88%) e Eslováquia (87%). Portugal assume nesta comparação um valor próximo deste último grupo, sendo 84% dos descendentes de imigrantes filhos de apenas um progenitor nascido no estrangeiro, refletindo também uma subida da importância relativa deste universo.

Descendentes de imigrantes, com idades entre os 15 e os 64 anos, por categoria em 2014



Fonte: [Inquérito ao Emprego \(LFS\) do Eurostat](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Dos países pertencentes à UE28, não há dados que permitam apurar os resultados relativos à Dinamarca, Holanda e Irlanda. O inquérito inclui ainda dois países externos à UE: a Noruega e a Suíça.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que o sentimento de identificação da “segunda geração de imigrantes” com o país de nascimento (sociedade de acolhimento de um ou mais progenitor) é muito variável de país para país? **E sabia que** Portugal surge destacado neste inquérito como um dos países onde os descendentes de imigrantes mais se identificam com o país?

7

O Segundo Inquérito sobre Minorias e Discriminação na União Europeia ([EU-MIDIS II](#)), realizado em 2015 e 2016 por iniciativa da Agência Europeia para os Direitos Fundamentais (FRA), foi aplicado segundo esta fonte a “minorias étnicas”, imigrantes, e “segunda geração de imigrantes” ou descendentes de imigrantes (os documentos produzidos com base no inquérito utilizam as duas designações para o mesmo universo) em todos os Estados-membros da União Europeia (UE). Os grupos inquiridos variaram, porém, conforme os países: em alguns países o inquérito foi aplicado a descendentes de progenitores da África Subsariana, noutros países a descendentes do Norte de África, e noutros da Turquia e da Ásia. A [ferramenta online de análise de dados](#) permite isolar os descendentes de imigrantes, que se encontram classificados não apenas por país de naturalidade mas também por região de origem dos respetivos progenitores. Para efeitos deste inquérito foram consideradas descendentes de imigrantes ou “segunda geração de imigrantes” as pessoas cujos progenitores não nasceram num Estado-membro da UE ou do Espaço Económico Europeu (EEE / EFTA) ([FRA, 2017, p. 114](#)).

Seleciona-se neste destaque estatístico os resultados de uma das perguntas colocadas aos descendentes de imigrantes que procurou apurar até que ponto estes se sentem cidadãos dos países onde nasceram. Cada barra do gráfico representa uma combinação de país de naturalidade do descendente e região de origem dos seus progenitores. A escala utilizada vai de 1, que corresponde a “não [me identifico] de todo” (representado a verde) a 5, que significa “[identifico-me] muito fortemente” (assinalado a azul no gráfico).

No conjunto das combinações de países de naturalidade dos descendentes e regiões de naturalidade dos progenitores para as quais há dados, apenas uma combinação regista menos de metade dos descendentes com uma identificação forte ou muito forte ao país onde nasceram. Tratam-se dos descendentes de imigrantes da África Subsariana no Luxemburgo, dos quais unicamente 31% afirmam identificar-se fortemente ou muito fortemente como cidadãos desse país. Mas este é um caso isolado.

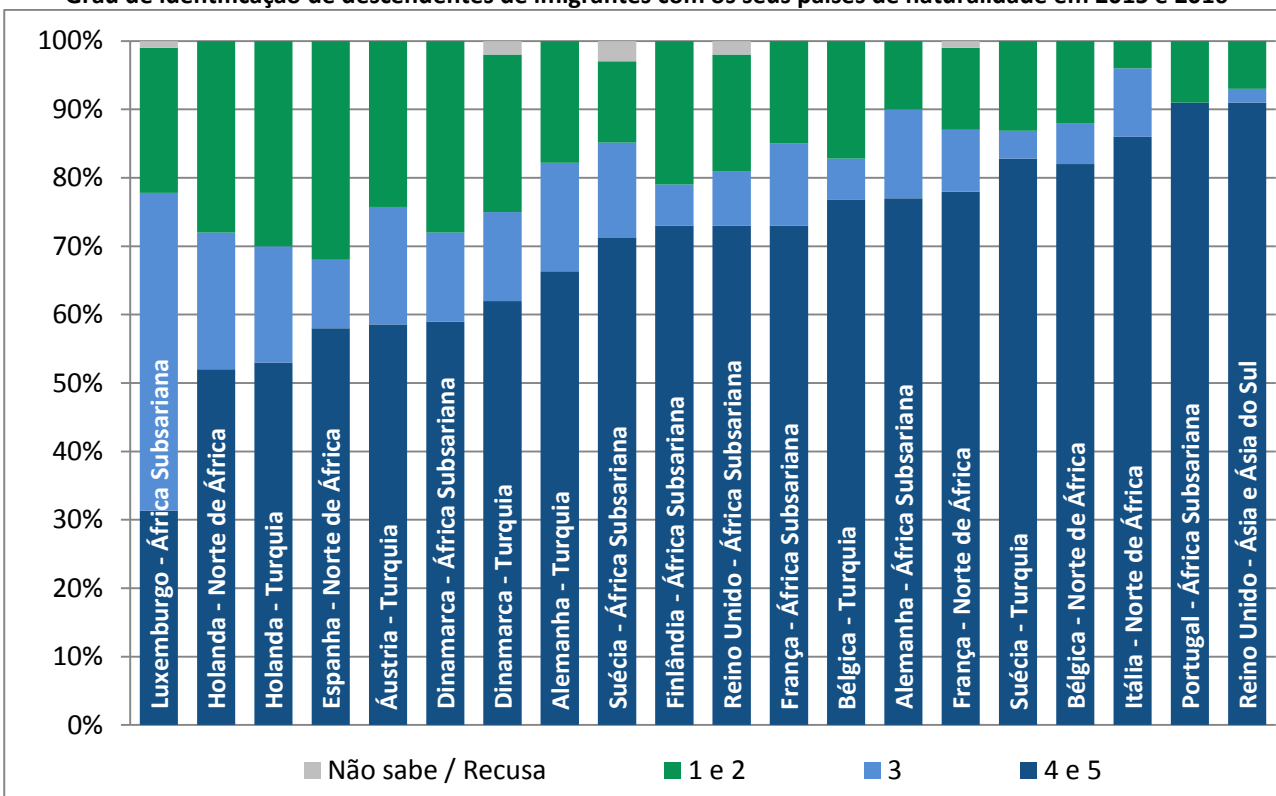
Todos os outros grupos de descendentes têm valores de identificação forte ou muito forte com o país onde nasceram superiores a 50%. Nos casos dos descendentes de imigrantes da Ásia e Sul da Ásia no Reino Unido e dos descendentes de imigrantes da África Subsariana em Portugal, esse valor chega mesmo aos 91%. Constata-se pois a existência de situações muito diversas.

Portugal surge, pois, com resultados bastante acima da média, com a 9 em cada 10 inquiridos descendentes de imigrantes da África Subsariana a sentirem-se fortemente ou muito fortemente identificados com o país.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Grau de identificação de descendentes de imigrantes com os seus países de naturalidade em 2015 e 2016



Fonte: [Inquérito EU-MIDIS II da FRA](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: A escala utilizada vai de 1, que corresponde a “não [me identifico] de todo” a 5, que significa “[identifico-me] muito fortemente”. A nomenclatura utilizada é: “Nome do País de Naturalidade – Nome da Região de Origem dos Progenitores”. As combinações apresentadas correspondem a situações em que o país optou por inquirir um ou mais grupos de imigrantes e seus descendentes e, simultaneamente, a base estatística é suficiente para serem tiradas ilações sobre estes últimos. Várias das células das tabelas nas quais se baseia este gráfico têm números de observações baixos (20 a 49). O trabalho de campo ocorreu de outubro de 2015 a julho de 2016.

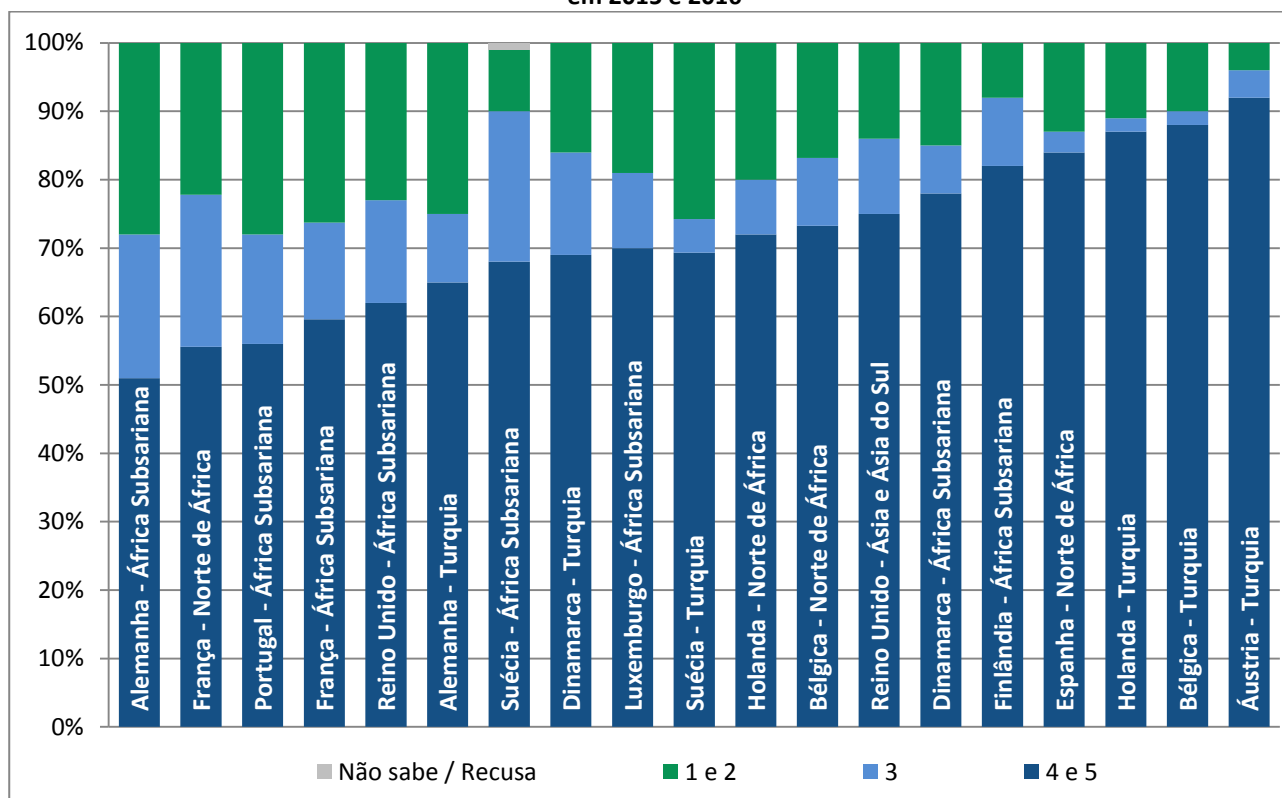


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que o sentimento de identificação da “segunda geração de imigrantes” com o país de origem dos progenitores é variável de país para país, diferindo também em função dessa origem?

No Segundo Inquérito sobre Minorias e Discriminação na União Europeia ([EU-MIDIS II](#)) foi questionado aos inquiridos de “segunda geração de imigrantes” ou descendentes de imigrantes (os documentos produzidos com base no inquérito utilizam as duas designações para o mesmo universo) em que medida estes se identificavam com o país de naturalidade dos seus progenitores.

Grau de identificação de descendentes de imigrantes com os países de naturalidade dos seus progenitores em 2015 e 2016



Fonte: [Inquérito EU-MIDIS II da FRA](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: A escala utilizada vai de 1, que corresponde a “não [me identifico] de todo” a 5, que significa “[identifico-me] muito fortemente”. A nomenclatura utilizada é: “Nome do País de Naturalidade – Nome da Região de Origem dos Progenitores”. As combinações apresentadas correspondem a situações em que o país optou por inquirir um ou mais grupos de imigrantes e seus descendentes e, simultaneamente, a base estatística é suficiente para serem tiradas ilações sobre estes últimos. Várias das células das tabelas nas quais se baseia este gráfico têm números de observações baixos (20 a 49). O trabalho de campo ocorreu de outubro de 2015 a julho de 2016.

É de salientar que esta identificação não subtrai automaticamente a identificação com o seu próprio país de naturalidade. Os descendentes de imigrantes turcos na Bélgica, por exemplo, identificam-se muito com este país (72% de identificação forte ou muito forte) mas também com a Turquia (88% de identificação forte ou muito forte), sendo inclusive o segundo grupo com uma identificação com o país de origem dos



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

progenitores mais forte. O grupo de descendentes com maior identificação com a origem dos progenitores são os descendentes de imigrantes turcos na Áustria (92% de identificação forte ou muito forte) e o terceiro, os descendentes de imigrantes turcos na Holanda (87% de identificação forte ou muito forte). No extremo oposto da distribuição dos grupos inquiridos encontramos, com as menores identificações com os países de origem dos progenitores, os descendentes de imigrantes da África Subsariana na Alemanha (51% de identificação forte ou muito forte), os descendentes de imigrantes do norte de África em França (55% de identificação forte ou muito forte), e os descendentes de imigrantes da África subsariana em Portugal (56% de identificação forte ou muito forte).

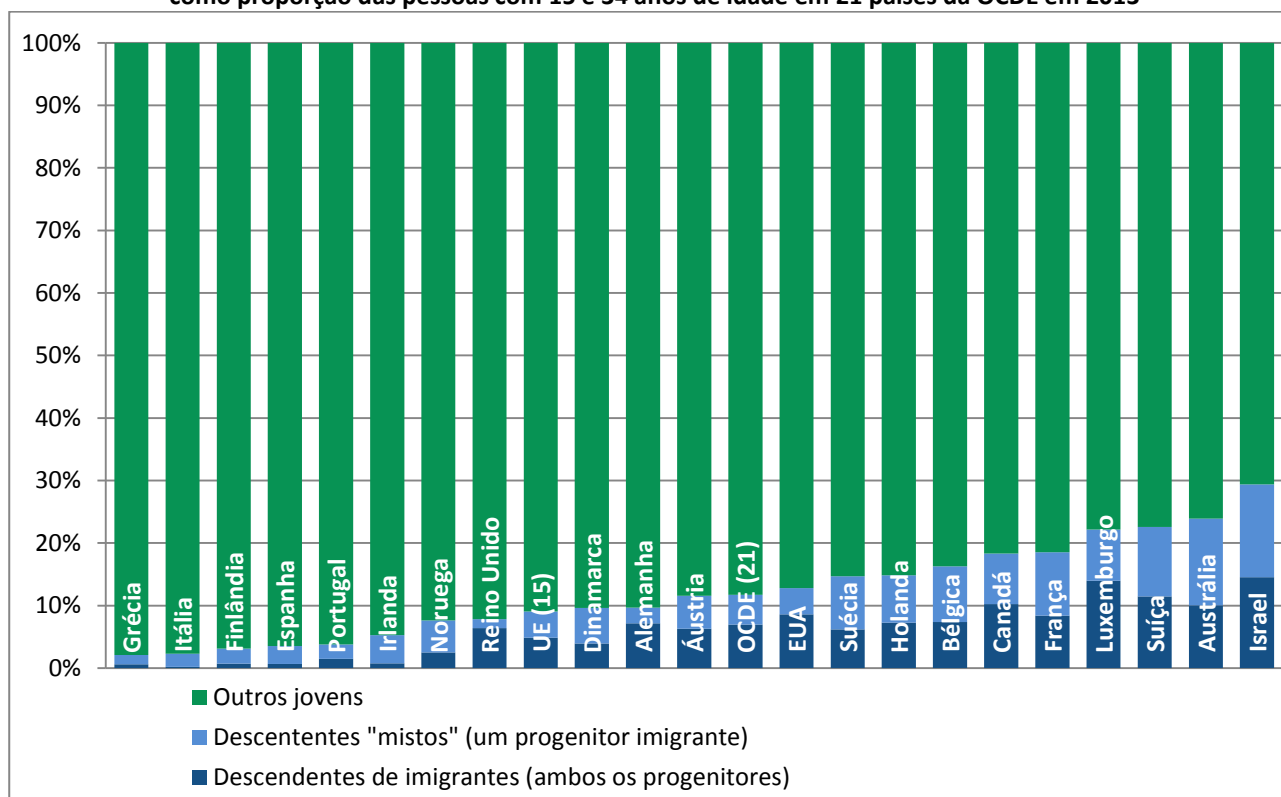


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que 1 em cada 10 jovens, com idades entre os 15 e 34 anos, dos países da OCDE são filhos de imigrantes? E sabia que os jovens descendentes de imigrantes têm maior probabilidade de não terem emprego, de não se encontrarem a estudar, e de não participarem em ações de formação que os seus congéneres filhos de pais autóctones?

A publicação *Indicators of Immigrant Integration 2015 – Settling In* da OCDE inclui um capítulo sobre jovens descendentes de imigrantes e jovens com antecedentes migratórios (*young people with a migrant background*), nos quais incluem os que nasceram no estrangeiro mas fizeram pelo menos algum do seu percurso educativo no país de acolhimento dos pais (2015, p. 229). A caracterização deste universo baseia-se em dados provenientes de diversas fontes, tais como o módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego focado nos imigrantes e seus descendentes já referido, censos, micro-censos, registos de população, inquéritos nacionais às famílias, etc. Os jovens caracterizados são definidos como aqueles que nasceram no país que comunica a informação e têm pelo menos um progenitor nascido no estrangeiro, bem como os jovens que nasceram no estrangeiro e foram, pelo menos em parte, educados no país de acolhimento dos pais. São consideradas pessoas com entre 15 e 34 anos de idade.

Jovens descendentes e com antecedentes migratórios como proporção das pessoas com 15 e 34 anos de idade em 21 países da OCDE em 2013



Fonte: OCDE (sistematização pela equipa do OM). Nota: Nos casos da Grécia, Irlanda, Itália e Portugal, os dados são do módulo *ad-hoc* do Inquérito ao Emprego (LFS) focado nos imigrantes e seus descendentes realizado em 2008. No caso



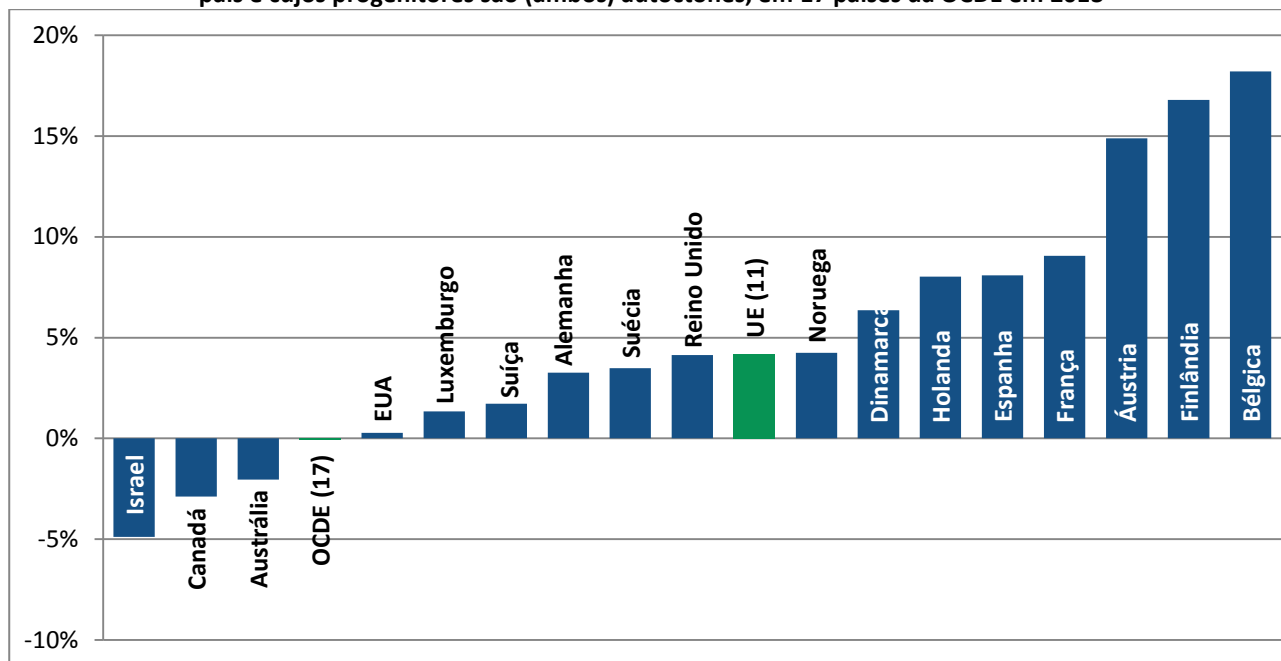
www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

da Nova Zelândia não se encontram disponíveis dados relativos a jovens nascidos no país e que têm pelo menos um progenitor nascido no estrangeiro.

O relatório conclui que nos 21 países da OCDE para os quais há dados, mais de 1 em cada 10 (12%) jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos tinha pelo menos um progenitor nascido no estrangeiro. Na Grécia, Itália, Finlândia, Espanha, Portugal, Irlanda, Noruega, e Reino Unido a proporção de tais jovens não atingia a média dos 15 países da UE considerados (9%). A Dinamarca, a Alemanha, e a Áustria posicionavam-se entre a já referida média da UE e a média dos países da OCDE para os quais havia dados (12%). Os demais países situam-se acima desta média, sendo de destacar os valores atingidos por Israel (29%), Austrália (24%), Suíça (23%), e Luxemburgo (22%).

Em função do tema deste mês das atividades do OM, por referência ao [Dia Mundial das Competências dos Jovens](#), uma vertente de análise particularmente importante é por referência aos chamados NEET, ou seja, indivíduos jovens que não têm emprego, que não se encontram a estudar, e que não participam em ações de formação.

Diferença, em pontos percentuais, entre a taxa de NEET (população jovem que não tem emprego, que não se encontra a estudar, e que não participa em ações de formação) das pessoas com 15 e 34 anos de idade que nasceram no país e são filhos de imigrantes (ambos os progenitores) e as pessoas das mesmas idades nascidas no país e cujos progenitores são (ambos) autóctones, em 17 países da OCDE em 2013



Fonte: [OCDE](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Nos casos da Grécia, Irlanda, Itália e Portugal, os dados são do módulo *ad-hoc* do Inquérito ao Emprego (LFS) focado nos imigrantes e seus descendentes realizado em 2008. Não há dados para a Grécia, Irlanda, Itália, Nova Zelândia, e Portugal.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Os dados mostram que na UE os jovens (15-34) descendentes de imigrantes têm três pontos percentuais de maior verosimilhança de pertencerem a esta categoria do que os seus equivalentes descendentes de autóctones. O valor equivalente para o conjunto de 17 países da OCDE para os quais há dados é de zero pontos percentuais. Quanto aos países em concreto (os dados disponíveis, sendo relativos aos LFS normais não permitem infelizmente representar Portugal), mas permitem ainda assim que a situação dos descendentes de imigrantes relativamente a este indicador é particularmente favorável em Israel (-5 p.p.), Canadá (-3 p.p.) e Austrália (-2 p.p.). No extremo oposto, com valores de NEET muitos pontos percentuais acima da média da OCDE e mesmo da média dos 11 países comunitários para os quais há dados (4 p.p.), encontramos a Áustria (+15 p.p.), a Finlândia (+17 p.p.) e a Bélgica (+18 p.p.).



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

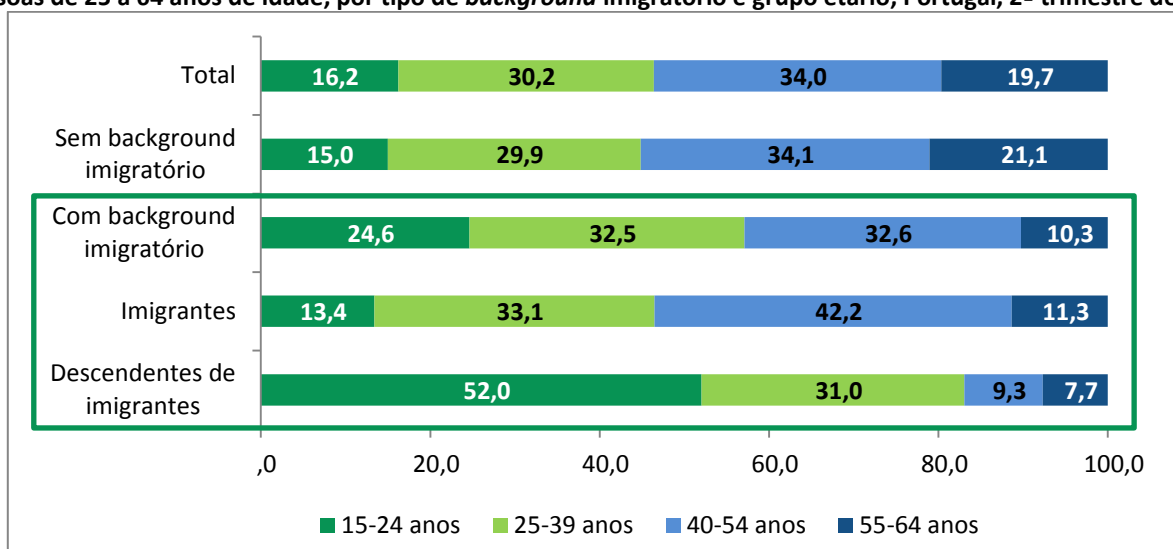
Sabia que os imigrantes e os descendentes de imigrantes em Portugal têm uma estrutura etária mais jovem que os nascidos em Portugal de progenitores nascidos no país? E sabia que os imigrantes e os descendentes de imigrantes em Portugal têm maior proporção de pessoas com o ensino superior que os *sem background imigrante*?

Neste *Sabia que* sintetizam-se alguns dos resultados do módulo *ad hoc* de 2014 do Inquérito ao Emprego promovido em Portugal acerca da situação dos imigrantes e seus descendentes diretos (com idades entre 15 e 64 anos) no mercado de trabalho, disseminados pelo INE no seu [Destaque](#).

Neste [Destaque](#) o INE, a partir da conjugação das variáveis “País de nascimento” das pessoas, “País de nascimento do pai” e “País de nascimento da mãe”, definiu uma tipologia relativa ao que designaram como *background* imigratório e que induz a uma análise comparativa entre: 1) Pessoas nascidas em Portugal e cujos pais nasceram ambos em Portugal - “Pessoas sem *background* imigratório”; 2) Pessoas nascidas fora de Portugal ou nascidas em Portugal mas com pai, mãe ou ambos nascidos fora de Portugal - “Pessoas com *background* imigratório”, subdividindo-se este último grupo em 3) Pessoas nascidas fora de Portugal - “imigrantes”; 4) Pessoas nascidas em Portugal mas com pai, mãe ou ambos nascidos fora de Portugal - “descendentes de imigrantes”.

Neste âmbito, o [Destaque do INE](#) estimava que, no 2º trimestre de 2014, residiam em Portugal 6.803,5 milhares de pessoas, com idades entre os 15 e os 64 anos. Dessas pessoas, 86,2% eram pessoas sem *background* imigratório e 12,9% tinham *background* imigratório, por serem imigrantes (9,2%) ou descendentes de imigrantes (3,7%).

Pessoas de 25 a 64 anos de idade, por tipo de *background* imigratório e grupo etário, Portugal, 2º trimestre de 2014



Fonte: [Módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego, 2º trimestre de 2014, Destaque INE](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Por questões de arredondamento e/ou devido à existência de situações não classificáveis, o total pode não corresponder à soma das parcelas.

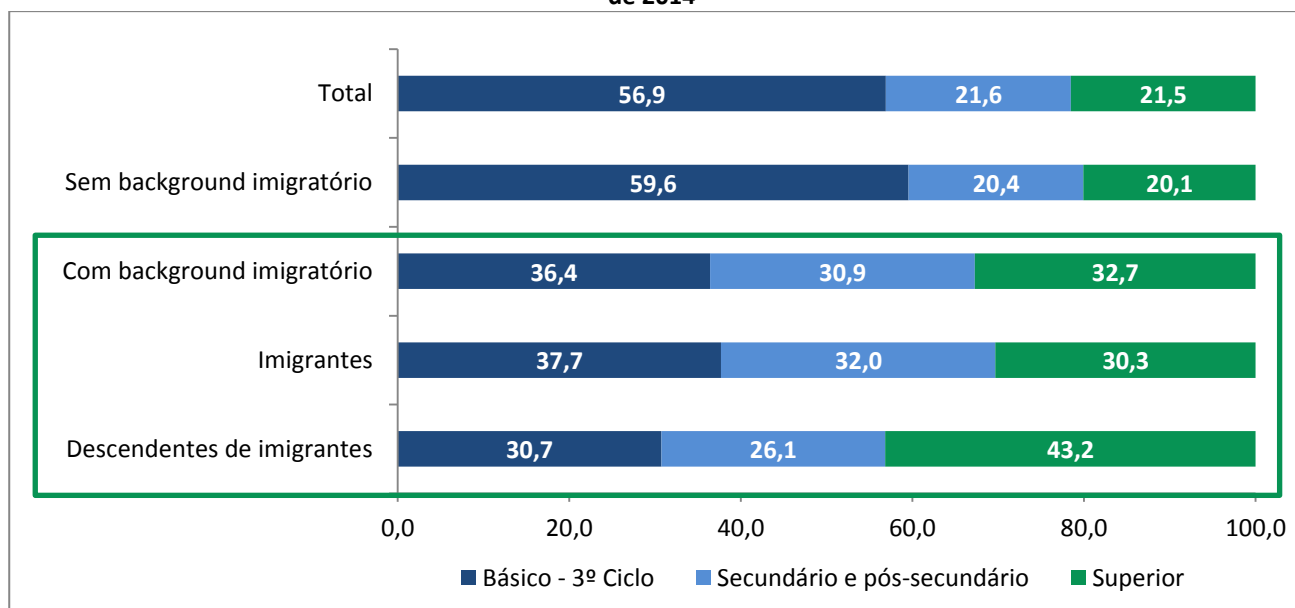


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Relativamente à distribuição etária, observa-se uma estrutura etária mais jovem nas pessoas de idade ativa com *background imigratório*, comparativamente com as sem *background imigratório*, nomeadamente uma maior proporção no grupo etário de 15 a 24 anos (24,6% face a 15,0%) e uma menor proporção no grupo etário de 55 a 64 anos (10,3% face a 21,1%). Por outro lado, verificava-se ainda que mais de metade (52,0%) dos descendentes de imigrantes tinha entre 15 e 24 anos, em contraste com a proporção observada para os imigrantes (13,4%). Por outro lado, observava-se uma maior proporção no grupo etário de 55 a 64 anos nos imigrantes (11,3%) face aos descendentes de imigrantes (7,7%).

Outro indicador trabalhado pelo INE neste [Destaque](#) diz respeito ao nível de escolaridade, concluindo-se que as pessoas com *background imigratório*, de 25 a 64 anos, apresentam níveis de escolaridade superiores às pessoas sem *background imigratório*: verifica-se que 32,7% das pessoas com *background imigratório* tinham completado o ensino superior (mais 12 pontos percentuais que o estimado para as pessoas sem *background imigratório*, equivalendo a 20,1%). Observa-se ainda, uma maior percentagem de descendentes de imigrantes que tinham completado o ensino superior (43,2%) face ao observado para os imigrantes (30,3%).

Pessoas de 25 a 64 anos de idade, por tipo de *background imigratório* e nível de escolaridade, Portugal, 2º trimestre de 2014



Fonte: [Módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego, 2º trimestre de 2014, Destaque INE](#) (sistematização pela equipa do OM). Nota: Por questões de arredondamento e/ou devido à existência de situações não classificáveis, o total pode não corresponder à soma das parcelas.